

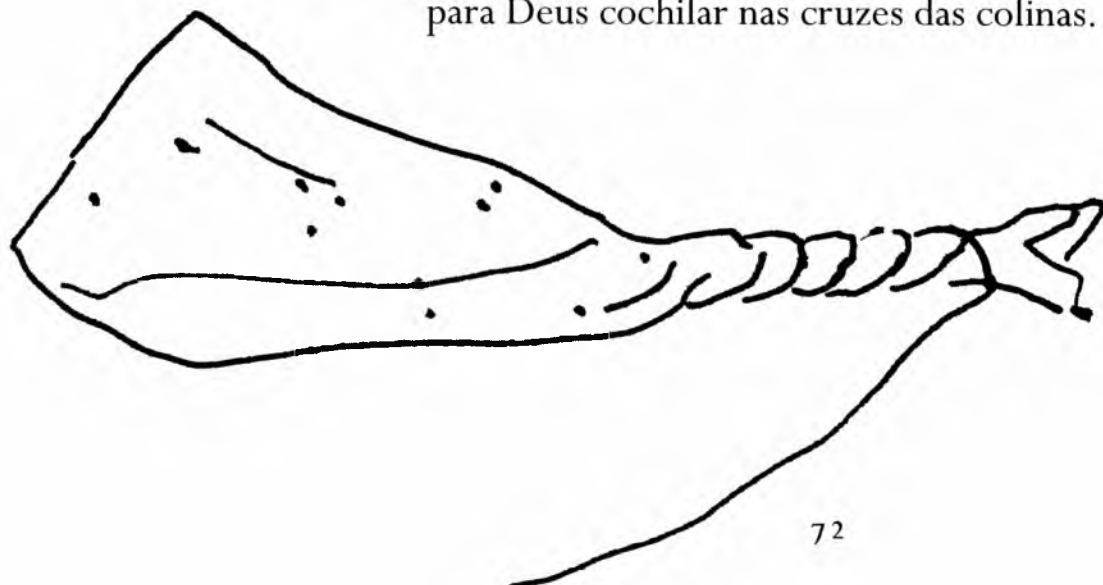
A VIL(D)A EM PRETO

(Conta-se que entre 1700 e 1801 foram extraídos na região de Vila Rica cerca de 615.000 quilos de ouro, de um total brasileiro de 983.000 quilos no mesmo período e cerca de 3 milhões de quilates de diamantes)

I

In illo tempore

a vid(l)a pendurada em montanhas
de ouro e pedras brilhantes
batéias batendo fluxos
entre cascalhos e nos altos junto ao olhar
de Belzebu
labirintos becos casario desenhados
em claroscuro e uma luz de sol devaneia
pavoneia caudas pelos morros
formas de ambição sem freio
entre irmandades bentas e o
preto de ouro que amassava o pão da vi(l)da
e carregava nos pés e ombros
a flor barrocó
alarmada em devoções
para Deus cochilar nas cruzes das colinas.

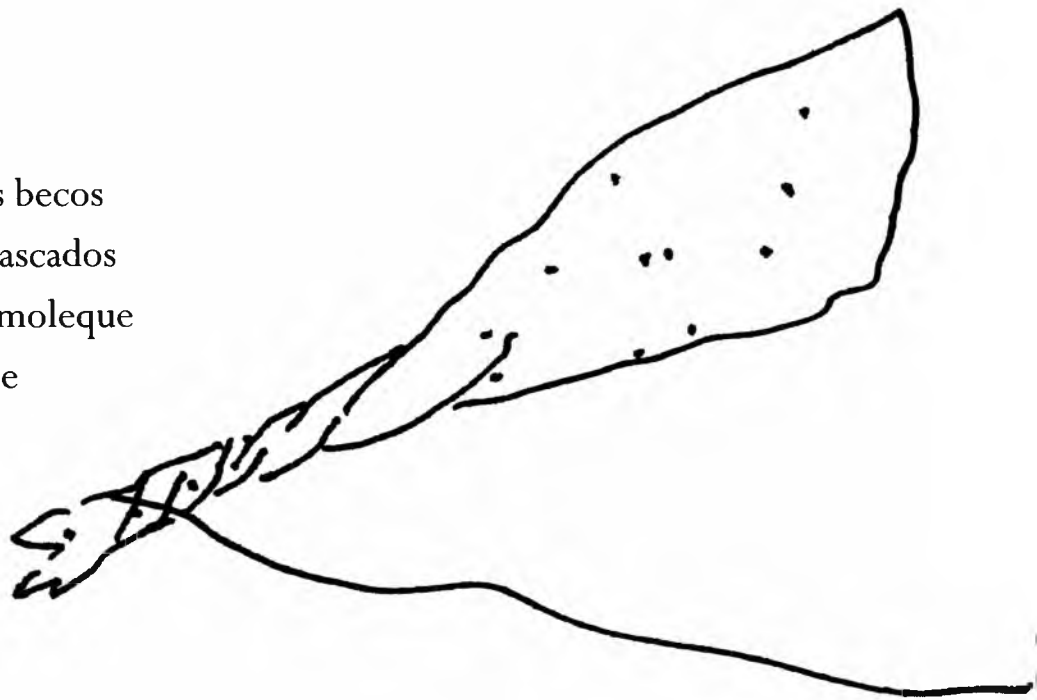


II

Num tempo amarelo
a pedra sabão subia volutas cômoros pontões
ourivesaria de sapos e muriçocas
nos vôos junto ao queixo de anjos e santos
agudas barroquidades em labirintos desurbanos
onde casas de almas mal lavadas
em janelas quadradinhas
e grossas portas maciças com fechos e guizos e dobradiças de ferro bruto
e pedras que ao sol brilhavam no interior das pupilas
soavam fantasmagorias negras
nos oráculos e oratórios de cedro e ouro.
As orações subiam aos céus
nos caminhos montanhosos do ouro diamantoso
que não ia a Londres.

III

Ruas de labirintos erectos
nos ombros desdobrados dos becos
e velhas alimárias de cascos lascados
moventes lerdas nos pés-de-moleque
ouviam negros tocar berrante
e conduzir
o dourado da ambição
— pepitas e pedrinhas —
em santos-do-pau-oco.



IV

A multidude das vozes moderninhas
fedia ecos longínquos
sem consciência do suor negro que carregou
pedras sem conta e toneladas de ouro e
ergueu altares e templos
a santos brancos e barrocos
porque essas vozes-ruídos não vêem-ouvem que
em cada beco pedra janela barro torre cruz
cruzeiro sino oratório altar escadaria porta
madeira batéia templo casa solar
e o infinito sobrado
como máscara máscara máscara
dos simulacros simulacros
há uma África debruçada
com a cabeça entre os joelhos.

V

A lira de Dirceu, Marília, desafinou o pastor
alçado ao átrio do Rosário de São Francisco do Pilar;
cofia, Marília, as barbas do Tiradentes
ouvindo a sentença fatal de D. Maria a Louca
o que permanece da flor machucada de ouro do mito
encravado nos morros de onde o ouro escorreu;
há, Marília, uma alegria disparatada
que secciona os passos trôpegos do passado

e as asas pouco assíduas do futuro;
com a doce indiferença amarelada, Marília, do olhar turístico
que nada vê além dos simulacros
já que o sangue do trabalho de outrora
ruinoso dos homens encangalhados
virou moda, Marília.
Seu pastor artroso no bordão,
ninfa do Carmo esgotado, bordeja morros
na solidão de pedras pretas, desafinado,
de lira rouca em punho, gasoso e estéril.

VI

Há sim uma lógica que preside o fio
de labirintos e becos descontraídos:
é a geometria da trilha
que outrora levava os homens
para o frágil destino que os incinerava
no estatuto do ouro e do brilhante e do ferro e da pedra sabão;
as casas precárias de arquitetura oscilante
guardavam
almas cintilantes entre a burocracia e a escravidão;
Tomás, Joaquim José, Maciel, Cláudio, Silvério e os padres
milhões de padres podres
dançavam nus sobre ombros de negros
— quais nomes mazumbas, muzambas, minas, quimbundos sobraram? —

e os carapinhas, almocreves, artífices, artesãos
(gentes sem fim de tantas artes e ofícios)
queriam ir para o céu;
a harpa estava desafinada
mas as pedras sobrepostas ficaram em pé
e a lira rangeu versos e versos e versos de a-m-o-r.

VII

A colônia rugia o sangue fervente
de seus impasses de processo de morte
e a morte rondava com a roda da rosa-dos-ventos
extraindo ouro do ventre negro das rochas
e as rochas movidas relviam nas relvas
as vísceras vazias
e as vísceras roncavam o rude espasmo
dum ouro derradeiro
e o ouro era a roda rubicunda
que cravava igrejas templos casinholas solares
como farpas fatais no fígado dos homens;
era ouro preto em fantasmagorias da Vila Rica
mas o ouro nunca é negro senão quando
no couro ativo do africano flui.

VIII

Ah! As dores humanas, as lágrimas, a fadiga,
a exaustão, o cansaço, o esforço inútil
em proveito do forte;
as energias e o cérebro e a imaginação
as capacidades do corpo e da alma
tudo respinga nas pedras que sobram em becos e labirintos
e ruas, ruas?, ruas e no urbanismo caos-ótico
e na arquitetura
tanta rastaquera obra é marca
do homem desfeito de músculos,
trabalho vil e vilipêndio;
tantas aparências e tantas máscaras e tantos simulacros
plantados em rodeios de morros exauridos;
tudo o que ficou
em memória inglória
valerá uma só lágrima
e uma só dor?
o que ficou testemunha o quê?

(Textos escritos em Ouro Preto, 24.7.97, Café Gerais, Rua Direita, 122)
Dedicados a Célia, garçonete moreninha, que cedeu papel e caneta e cervejas.

Valentim Facioli